

Espiritualidade ACI | Caderno VII

Angeles Mera, a.c.i.

Quero escrever  
a minha história  
só na mente de Deus

SANTA RAFAELA MARIA



ESCRAVAS DO SAGRADO  
CORACÃO DE JESUS

### **Títulos disponíveis nesta colecção**

1. Um caminho, uma vida: história de Santa Rafaela Maria – *Margarita Agustí, a.c.i.*
2. Características humanas de Santa Rafaela Maria – *Eduarda Barata, a.c.i.*
3. Características de Santidade em Santa Rafaela Maria (tirado do Prólogo de *Palabras a Dios y a los hombres*), *José Luís Martín Descalzo*
4. Santa Rafaela Maria e a Eucaristia – *Inmaculada Yáñez, a.c.i.*
5. A Eucaristia, espaço de Reparação – *Nurya Martinez-Gayol, a.c.i.*
6. A Reconciliação na vida de Santa Rafaela Maria – *Inmaculada Yáñez, a.c.i.*
7. Quero escrever a minha história só na mente de Deus – *Angeles Mera, a.c.i.*

[www.aciportugal.org](http://www.aciportugal.org)

Na Igreja de Via Piave, que as Escravas do Sagrado Coração de Jesus têm em Roma, o Santíssimo está exposto e, para O adorar, dirige-se Santa Rafaela Maria. Tem 72 anos e já não consegue deslocar-se até à Igreja. Por isso, vai ao lugar do coro que fica mais perto do seu quarto. Lentamente, vão-lhe faltando as forças; apoia-se numa bengala e a dor no joelho faz com que tenha que arrastar a perna doente.

A Irmã Luísa, que trata dela, pergunta-lhe:

*«Madre, por que não fica na tribuna que está mais perto do seu quarto?»*

*«Porque quero estar mais perto de Jesus» – responde Rafaela Maria.*

*A Irmã, querendo saber o seu segredo, como nós, insiste:*

*«Que diz ao Senhor em todo este tempo?»*

*«Nada – responde Rafaela Maria. – Eu olho para Ele e Ele olha para mim».<sup>1</sup>*

E no silêncio desse olhar, Rafaela Maria faz memória agradecida das maravilhas do Senhor na sua vida.

Aqui estou, Senhor, como tantas e tantas vezes, diante de Ti. Sem pressa. Já sabes que não tenho quase nada para fazer, por isso posso passar Contigo muito tempo em adoração humilde. Que fascínio me produz a Tua presença na Eucaristia! Sinto-me cada vez mais feliz por estar em natural audiência Contigo e, como diria Santo Inácio, «como um amigo fala com o seu amigo»<sup>2</sup>. Na Tua presença, Senhor, toda a minha vida, todas as coisas, ganham o seu verdadeiro sentido.

<sup>1</sup> Proc. Apost., Summ. p. 239

<sup>2</sup> Execícios Espirituais [54]

«A minha história está escrita na Tua mente»<sup>3</sup>, ninguém a conhece senão Tu. Desde quando nos conhecemos, Senhor? Que privilégio poder dizer desde sempre! Tu sempre fizeste parte da minha história. Era tão natural a Tua presença na minha infância como o sol quente ou o céu azul de Andaluzia.

Lembro-me de quando ia com a minha mãe e a minha irmã Dolores à Tua ermida, a ermida do Santo Cristo na pequena colina de Pedro Abad. Ali estavas Tu com os braços e o coração abertos. A minha mãe dizia-nos que morreste assim para abraçar todos e que Te abriam o coração para mostrar que nos davas todo o Teu sangue, toda a Tua vida e amor. Naquela altura, eu não percebia muito bem o significado das suas palavras. Mais tarde compreendi. Foi fácil compreender que Tu me amavas como a pupila dos olhos. Com quanto carinho me envolveste, Senhor! Eu era a mais nova dos irmãos e todos me mimavam, apesar de a Dolores, como era mais velha, querer sempre mandar nos jogos. Aprendi a ceder e a fazer o que ela queria.

Do meu pai quase não me lembro. Tinha quatro anos quando ele morreu. Mas os criados, lá em casa, diziam que era um homem muito bom, que até morreu por ficar em Pedro Abad para ajudar os afectados pela epidemia de cólera, embora pudéssemos ter ido para outro sítio. Sempre ouvi falar bem dele. Diziam que mesmo que tivesse que encarcerar algum delinquente, por ser o Presidente da Câmara de Pedro Abad, procurava que não passasse frio e tivesse boa comida. Por isso, foi-me fácil perceber que Deus Pai é bom e se preocupa com todos e que Tu nos amas tanto que até deste a vida por nós, mesmo sendo pecadores.

Da minha mãe tenho muito boas recordações. Lembro-me de quando saíamos de Pedro Abad e íamos para Córdoba. Ali viviam os tios e primos

<sup>3</sup> *Ap. Esp.*, 36

com quem nos divertíamos muito. Eu gostava de ir visitar-Te, com a minha mãe, às muitas igrejas de Córdoba, mas onde ia mais frequentemente, por estar mais perto de nossa casa, era à Igreja de São João dos Cavaleiros. Éramos amigos, Senhor, e os amigos gostam de estar juntos. Por isso, quando passava à frente de alguma igreja, sentia o desejo de Te visitar.

Pouco a pouco, sem saber explicar como - explicam-se essas coisas, Senhor? – senti um desejo enorme de me entregar completamente a Ti. E fiz o voto de castidade perpétua na Igreja de São João dos Cavaleiros. Era o dia 25 de Março, o mesmo dia em que Maria tinha dito ao Anjo: «Eis aqui a Escrava do Senhor»<sup>4</sup>. Que coincidência, Senhor... mas podemos chamar coincidências aos Teus planos? Depois, anos mais tarde, eu seria para sempre Escrava do Teu Coração.

Foi por volta dessa altura que começámos a passar os verões em Cádiz. Que maravilhosa impressão me causou o mar! Era como um presente que Tu me davas.

Mas o que mais me marcou, naquela altura, foi a morte da minha mãe. Eu tinha 18 anos e nesse momento estava sozinha com ela. Ao fechar-lhe os olhos, senti que «se me abriam os olhos da alma, com um desengano tal que a vida me parecia um desterro. Apertei a sua mão e prometi-Te não afeiçoar-me por criatura alguma terrena. E Tu, Senhor, fizeste-me perceber que aceitavas a minha oferta, pois, naquele dia, uma enorme paz invadiu-me a alma».<sup>5</sup>

A Dolores e eu, seguindo o exemplo da nossa mãe, visitávamos muito os mais pobres e doentes de Pedro Abad. Tu também, Senhor, andavas sempre rodeado deles. E queríamos servir, pois «durante muito tempo

<sup>4</sup> Lc 1, 38

<sup>5</sup> *Ap. Esp.*, 25

fomos servidas»<sup>6</sup>. Também Tu disseste que não vieste para ser servido, mas sim para servir.

Lembro-me como ficavam zangados os nossos irmãos. Por isso, com a cumplicidade de alguns criados, saímos pela porta traseira da casa, para eles não se aperceberem.

O desejo de ser só para Ti e de Te seguir ia tomando cada vez mais força na minha vida. Mas onde e como? Penso que, desde essa época, comecei, como o salmista, a pedir-Te: «Mostra-me, Senhor, os Teus caminhos...»<sup>7</sup>.

A minha irmã Dolores sentia o mesmo desejo, mas nenhuma de nós sabia muito bem, naquela altura, quais eram os Teus caminhos para nós. Sempre me ajudaste, Senhor, iluminaste a minha vida e deste-me força para Te seguir.

Saímos de Pedro Abad. Nunca mais voltei lá. O meu último olhar foi para a torre da ermida onde a Tua imagem na cruz continua a mostrar-nos o Teu imenso amor. Eu Percebia a Tua voz que, como a Abraão, me dizia: «Sai da tua terra, deixa a casa de teu pai e vai para a terra que eu te mostrarei»<sup>8</sup>. E, como ele, também eu não sabia onde estava essa terra. Só sentia a força do Teu chamamento e a certeza de que, a quem confia em Ti, nada lhe falta. Por isso Te rezava confiante: «Mostra-me, Senhor, os Teus caminhos e dá-me luz para fazer a Tua vontade»<sup>9</sup>.

Fazer a Tua vontade, Senhor, seduziu-me desde o princípio, tal como a Ti te tinha seduzido fazer a vontade do Pai. A minha vida, desde então, não teria outro objectivo senão o de fazer a Tua vontade. E a Tua vontade

<sup>6</sup> *Cimientos*, p.28

<sup>7</sup> Sl 25, 4

<sup>8</sup> Gn 12, 1

<sup>9</sup> *Ap. Esp.*, 39

ia-se manifestando sem pressas, por meio de dificuldades, mas recebia-a sempre com tranquilidade, paz e alegria.

Primeiro foi nas Clarissas do Convento de Santa Cruz; depois o noviciado com as Irmãs de Maria Reparadora. Parecia que era ali onde nos querias, mas não era. Era apenas um outro passo do caminho. Como dizia a minha irmã Dolores: «À força de se desfazerem os planos humanos, ia-se realizando o Teu plano sobre nós»<sup>10</sup>. Tu, de facto, «és o Fundador do Instituto».<sup>11</sup>

Através das Irmãs de Maria Reparadora concedeste-me duas das maiores graças da minha vida: Adorar-Te na Eucaristia e seguir-Te na espiritualidade inaciana. Quantas horas de adoração desde essa altura, Senhor! Já vai fazer quase 50 anos que me concedeste o privilégio de Te adorar, de experimentar a Tua presença. Dou-Te graças por tantas horas de graça. E «agora, conforme me vou sentindo cada vez mais frágil, vou experimentando, ante Ti, a Tua fortaleza».

No dia em que as Irmãs Reparadoras saíram de Córdova e nós, as noviças, decidimos ficar, de novo tive a experiência de que, embora o futuro fosse incerto, a minha vida estava completamente nas Tuas mãos e dos meus lábios saíam as mesmas palavras: «Mostra-me, Senhor, os Teus caminhos e dá-me força para fazer só a Tua vontade».

E, naquele momento, a Tua vontade foi que aceitasse o cargo de superiora daquele grupo de 15 noviças. Lembra-Te que Te perguntava: porquê eu, Senhor? A Dolores, que sempre foi quem tomou as decisões, parecia mais apropriada para ser a superiora. Mas Tu ensinaste-me a

<sup>10</sup> Carta à M. Puríssima, 1895

<sup>11</sup> Cf. Carta à M. Puríssima, 1895

deixar-me conduzir. Afinal, não queria eu entregar-Te a vida «sem pôr o mais pequeno obstáculo?»<sup>12</sup>

Depois vieram aqueles momentos difíceis em que tivemos de enfrentar as autoridades eclesiásticas e o Bispo, quando nos queriam impor umas normas de vida que contrariavam aquelas que Tu nos chamavas a viver. Tu mostravas-nos claramente que era através da espiritualidade inaciana que Te devíamos seguir. Parece estranho, mas no meio daquele sofrimento, eu sentia uma enorme força e paz. Estava nas Tuas mãos e só queria ser-Te fiel.

A saída de Córdova para Andújar ainda hoje me faz sorrir. Saímos como fugitivas. À noite – e com aquelas roupas – até parecia que estávamos no Carnaval. Se os meus irmãos nos tivessem visto! O suceder dos acontecimentos foi tão rápido que eu até dizia: «Quem me meteu nestes labirintos?»<sup>13</sup>. Mas sabia que eras Tu, Senhor! Desde então, penso que me ensinaste a descobrir que por detrás dos acontecimentos, das pessoas e dos muitos labirintos em que tem estado envolvida a minha vida, estás Tu. Tu, que me guiavas sem eu perceber como. Até me deste força, nesse momento, para escrever à minha irmã, que tinha ficado em Córdova para enfrentar as autoridades eclesiásticas e tranquilizar as famílias das noviças: «Ânimo! Deus acima de tudo!»<sup>14</sup>.

Apesar disso, o caminho continuava incerto. E é duro ser-se guia dum caminho que não se conhece. A minha irmã em Madrid, nós em Andújar. Em Córdova pressionavam-nos para voltar; os meus irmãos achavam tudo aquilo uma loucura! Mas a Tua força, a paz e a alegria das noviças eram sinais de que devíamos esperar que se fizesse luz.

<sup>12</sup> Carta às Irmãs de Córdova, 1884

<sup>13</sup> Relação II 24 (M. Maria del Pilar)

<sup>14</sup> Carta à sua irmã Dolores, 1877



E a luz chegou um dia, quando a minha irmã me comunicou que o Cardeal de Toledo dava a sua autorização para nos estabelecermos em Madrid. De novo a caminho. De novo me vieram à mente as palavras que disseste a Abraão: «Sai da tua terra...»

Foi bom chegar a Madrid, apesar do cansaço da viagem, da fome que tínhamos e da chuva que caía naquela noite. Tu passaste também muitos trabalhos por mim. E foi bom sentir a generosidade com que nos acolheram as Filhas da Caridade, no Hospital da Princesa, até conseguirmos alugar um andar na Rua da Bola.

E sempre, no meio de todas estas peregrinações, a alegria de poder adorar-Te na Eucaristia e nesse tempo privilegiado inclinar a minha cabeça ante Ti e dizer-Te como Nossa Senhora: «Eis aqui a Escrava do Senhor».

Com tantas mudanças, «experimentávamos que não há nada estável neste mundo se não está apoiado na fé». Às vezes sentíamos que nos afundávamos, outras parecia-nos tocar o céu. Tudo era esperar e confiar em Ti. As palavras de São Paulo davam-me forças: «Tu, que começaste a boa obra, hás-de levá-la a bom termo»<sup>15</sup> e a obra era Tua, Senhor.

«Eu, que sou tão débil, necessitava particularmente da Tua graça para não sucumbir no meio de tantas dificuldades. Às vezes parecia-me que não podia mais, mas Tu ajudavas-me e eu não queria deixar a missão que me tinhas encomendado. Tinha posto a minha confiança em Ti e só queria a Tua honra e glória. Tu nunca nos deixarias»<sup>16</sup>.

Que alegria tivemos no dia 14 de Abril de 1877, quando chegou a licença escrita da Fundação dada pelo Cardeal de Toledo. Foi uma festa!

<sup>15</sup> Fil 1, 6

<sup>16</sup> Cf. Carta à sua irmã Dolores, 1877

Logo no dia 20 tivemos a primeira Eucaristia na nossa casa. O andar era tão pobre, que nem cadeiras tínhamos para nos sentarmos, mas éramos muito felizes. «A nossa vida, nesse tempo, era a mais completa que se pode dar, como dizia uma noviça. A nossa fraternidade era como a dos primeiros cristãos. Embora fôssemos peregrinas e não tivéssemos casa, nem aprovação de nenhum bispo, embora não nos obrigasse nenhuma regra, sentíamos a lei interior do amor, que era em tudo agradar-Te a Ti Senhor»<sup>17</sup>.

O andar era tão pequeno e com tão poucas condições, que tivemos de nos mudar para uma outra casa alugada em Quatro Caminhos, que era mais ampla e arejada. Ali, no dia 8 de Junho, na festa do Teu Coração, a minha irmã e eu fizemos os primeiros votos. Lembro-me com quanto carinho as noviças prepararam a igreja e a cerimónia. Quanta alegria senti ao dizer publicamente, diante de todos, o que já Te tinha dito só a Ti tantas vezes: «Eu, Rafaela Maria... daqui em diante Maria do Sagrado Coração., faço voto à Vossa Divina Majestade de pobreza, castidade e obediência»<sup>18</sup>.

Parece-me, Senhor, que o fio condutor da minha vida estava nestas palavras: Tu foste, desde sempre, meu Senhor e meu Rei, sempre me senti amada por Ti. Eu, como resposta ao Teu amor, entregava-me ao amor do Teu Coração e queria seguir-Te. Queria viver como Tu, ser pobre e humilde como Tu. Que fascínio exercem sobre mim a Tua pobreza e humildade! Tu, sendo rico, Te fizeste pobre. Sendo Senhor, vieste para servir e sofreste todo o tipo de humilhações por amor a nós. Como não Te seguir! Como não querer ser como Tu!

<sup>17</sup> *Escritos Primitivos*

<sup>18</sup> Fórmula do Ritual da Prof. religiosa

Uma das noviças, ao escrever a crónica o diário da casa nesse dia, referindo-se à minha irmã e a mim, falava de nós como «alicerces»<sup>19</sup>. Gostei dessa palavra e empreguei-a muitas vezes. Hoje percebo porquê. Tu querias que nós fôssemos os alicerces desta Tua obra que é o Instituto; e que são os alicerces senão pedras batidas e pisadas, que não se vêem? Tem sido assim a minha vida e da minha irmã! Os alicerces, quanto mais fundos, quanto mais pisados, mais consistência dão ao edifício.

A Tua pobreza e humildade era o que eu mais queria para a Congregação e cada uma das Irmãs. Nesse tempo, todas estávamos convencidas de que Tu nos tinhas escolhido por sermos instrumentos débeis e pequenos. Lembro-me de dizer às noviças que «se alguma de nós, na Congregação, pensasse ser alguém importante ou superior aos outros, não estaria boa da cabeça»<sup>20</sup>.

Era bom partilhar com as noviças o que Tu me ias fazendo experimentar! Sobretudo o Teu amor por nós até ao extremo. Conversávamos muito sobre as palavras que disseste na Última Ceia: «Isto é o Meu Corpo que se entrega por vós...»<sup>21</sup>. Era a entrega do Teu amor até ao extremo, manifestado no Teu Coração aberto e que se actualiza na Eucaristia. Por isso eu dizia às noviças: «A nossa vocação é questão de amizade. Jesus quer-nos especialmente sensíveis ao amor imenso que Ele nos tem e que se manifesta sobretudo na Eucaristia». E a consequência disto é o que Tu nos tinhas mandado: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei»<sup>22</sup>. Estes sentimentos ficaram escritos nos nossos primeiros Estatutos com estas palavras: «Para responder a este amor imenso de Jesus Cristo, dedicaremos

<sup>19</sup> Carta à M. Pilar, 1903, Palabras, 586

<sup>20</sup> *Escritos Primitivos*

<sup>21</sup> Lc 22, 19

<sup>22</sup> Jo 13, 34

a nossa vida a adorá-Lo na Eucaristia e a trabalhar para que todos O conheçam e O amem»<sup>23</sup>.

Que força tiveram sempre para mim estas palavras: Adorar-Te e trabalhar para que todos Te conheçam e Te amem! Esta era a missão que me tinhas confiado.

E Tu ias confirmando estes desejos. Começaram a vir as crianças do bairro para aprender o catecismo e as vizinhas para adorar-Te. Que alegria ver que aquelas sementes foram dando fruto tão rapidamente. E a Congregação começava a crescer! Em 1880, éramos já 33 e, cinco anos mais tarde, quase 90. Voltar a Córdova, poder fazer ali a primeira Fundação, depois de Madrid, a reconciliação com o Bispo e a Igreja de São João de Cavaleiros que ele nos doou – precisamente onde eu me entregue a Ti pela primeira vez... Tudo isso, não eram provas do Teu amor para comigo? Depois a Fundação em Jerez, o poder abrir uma escola para mais de cem crianças pobres. Quantas graças, Senhor!

No meio delas também começou o conflito que eu previa. Só que nunca pensei que pudesse chegar aos extremos que chegou. Eu já tinha sentido, desde pequena, que a minha irmã, pelo seu feitio decidido e empreendedor, era quem organizava tudo e queria mandar. Agora as coisas tinham uma importância muito maior. Não eram as brincadeiras da infância. Habituei-me a ceder e a renunciar aos meus gostos para evitar conflitos em casa, e evitar fazer sofrer a minha mãe. Isso ensinou-me a ser paciente com ela; mas, agora, as críticas que me fazia tomavam proporções maiores e eram cada vez mais constantes.

Lembro-me que, depois da Fundação de Jerez, ela percebeu quanto me tinha feito sofrer e escreveu-me para me pedir desculpas. Que

<sup>23</sup> *Ap. Esp.* 10

houvesse paz entre nós, era o que eu mais queria. Tantas vezes Te fiz este pedido, Senhor! Fazer tudo para construir a paz, foi um dos meus maiores desejos. Assim, escrevi à comunidade de Córdova: «Todas unidas em tudo, como os dedos da mão»<sup>24</sup>. Ao escrever essa carta, partilhava com as Irmãs o que trazia no coração: «Que Te déssemos o coração por inteiro, que os nossos desejos fossem ganhar milhões e milhões de almas para Ti, que tivéssemos um coração universal como a Igreja»<sup>25</sup>. Nós somos muito pouca coisa, mas, apoiadas em Ti, podemos tudo. Era um «meio sermão», que exprimia o que eu queria não só para as primeiras da Congregação, mas também para todas as que viessem depois a formar parte dela.

Abrimos casas em Saragoça e Bilbao. Depois, foi aquela viagem da minha irmã a Roma para obter a aprovação das Constituições! Quantos trabalhos e dificuldades! Mas o que mais me fazia sofrer era a atitude da minha irmã. Cada vez mais, surgiam os conflitos e o pior era que já não dava conta de quanto me fazia sofrer!

Em Ti encontrava a força para continuar. Quando estava Contigo, esquecia-me de tudo e saía com imensa paz e até alegria. Juntos sonhávamos... Afinal, esses desejos de estender o Teu Reino por todo o mundo, não eras Tu quem os punha no meu coração?

No dia 29 de Janeiro de 1887, a Santa Sé aprovou definitivamente o Instituto. A notícia que a minha irmã mandou desde Roma encheu-nos de alegria e naquele dia cantámos cheias de gratidão.

Nas Tuas mãos, Senhor, as odisséias do passado. Dez anos passados desde que nós, as 15 primeiras chegámos a Madrid. Nas Tuas mãos, Senhor, o presente. Já éramos mais de cem. Nas Tuas mãos, Senhor, o

<sup>24</sup> Carta à comunidade de Córdova, 1884, em *Palabras*, 121

<sup>25</sup> *Ibidem*

futuro. Como será o futuro, perguntava-Te eu, pois o momento era decisivo. Uma vez aprovadas as Constituições, havia que escolher a Superiora Geral e as Assistentes. Eu percebia que as Irmãs me iam escolher e tinha medo. Pedia-Te que fosse escolhida a minha irmã e Tu sabes que fiz tudo o que pude para evitar que fosse eu. Até falei com a Madre Puríssima e com a Madre M.<sup>a</sup> da Cruz, mas nada consegui. Elas estavam convencidas de que era eu quem devia ser a Geral. Na minha oração daqueles dias, pedia-Te que Tu o remediasses. Ninguém se apercebia do conflito que eu e a minha irmã vivíamos. Eu via que ela também sofria, pois notava que estava tensa. Gostava tanto de lhe falar serenamente e que ela também me ouvisse com serenidade, mas via que não era possível. Algo se interpunha entre nós as duas e nos impedia de dialogar com tranquilidade. Era muito melhor, pela paz do Instituto, que ela fosse escolhida, mas os Teus desígnios eram outros. Eu, embora sentisse repugnância pelo cargo, percebendo que era a Tua vontade, aceitei. Afinal, não rezava todos os dias: Faça-se a Tua vontade, assim na terra como no céu? Lembro-me que era o dia 13 de Maio de 1887. A eleição foi unânime. Todas, até a minha irmã, me tinham escolhido. À noite, nesse dia, estava esgotada, mas a Tua força em mim fazia-me rezar: «Só e só a Tua vontade, meu Deus e para sempre»<sup>26</sup>.

Nesse mesmo ano concedeste-me graças extraordinárias. Vem-me à memória a do dia 29 de Outubro. Nesse dia, «tive grande luz de que todos os bens nos vêm por Ti, que és o Unigénito de Deus. Que pelos Teus méritos deviam pedir-se todas as coisas e que na Tua imitação estava a nossa salvação e vida. E não há outro caminho: este foi o dos santos»<sup>27</sup>. Tantas vezes eu Te pedi: «Mostra-me, Senhor, os Teus caminhos». Agora Tu fazias-me ver que és o único caminho que devo seguir.

<sup>26</sup> *Ap. Esp.*, 32

<sup>27</sup> *Ap. Esp.*, 3

Essas experiências tão fortes do Teu amor foram as que me seguraram em todas as dificuldades que depois surgiram por causa da Fundação do Colégio da Corunha e da Casa na Rua de São Bernardo, em Madrid.

No ano seguinte, fiz os meus Exercícios Espirituais de mês como preparação para a Profissão Perpétua. Entrei neles, como diz Santo Inácio, com grande ânimo, apesar de nesse tempo andar muito árida na oração e com grandes dores de cabeça. Mas pouco depois tive a experiência de que o amor do Teu coração me envolvia por completo. Nele encontrei consolação e força durante todos os Exercícios. Sentia que Tu visitavas a minha alma e eu prometi-Te, imaginando-me ao pé da cruz, que não resistiria nunca mais ao cargo de Geral.

No dia 4 de Novembro, fiz a minha Profissão Perpétua. Quase sei de cor as palavras com que o Padre me interrogou: «Vede, dizia ele, que a reparação do Coração de Jesus exige que toda a vida leve o selo da abnegação e o sacrifício de todo o ser, em íntima conformidade com os sentimentos de Jesus Cristo, que redimiu o mundo pela cruz. Queres, ainda que a tal preço, a aliança com Ele? Sim, Padre, respondi, quero-a a todo o custo»<sup>28</sup>. Quantas vezes, depois, repeti as palavras que pronunciei nesse dia!

Nesse momento vi, como num filme, toda a minha vida passada, com as suas dificuldades e alegrias, mas estava convencida de que qualquer sofrimento era pequeno, comparado com o amor de predilecção que Tu, meu Deus, me fizeste experimentar desde sempre. E para o futuro só queria ter os mesmos sentimentos que Tu. Que a minha vida fosse o mais parecida possível com a Tua. Não me tinhas feito experimentar que Tu eras o meu caminho?

<sup>28</sup> *Ap. Esp.*, 8

As dificuldades no governo da Congregação continuavam, e cada vez maiores. À medida que passava o tempo, ia percebendo que já não era só a minha irmã quem não me considerava apta para governar e que contrariava as minhas decisões. Eram também as outras Assistentes. No meio deste ambiente, cheio de conflitos, vim a Roma para tratar da Fundação nesta cidade.

Que boa foi aquela viagem! Era a primeira vez que saía de Espanha e, ao ver tanta gente – e tão diferente –, só pensava: «Quantos filhos tem Deus!»<sup>29</sup>. De facto, o espectáculo do mundo fazia crescer em mim o zelo pelas almas. Que todos Te conheçam e Te amem, Senhor. Ao contemplar a paisagem, sentia «que Tu és imenso e eu pequeníssima e quando me sinto pequena, estou verdadeiramente no meu centro»<sup>30</sup>. Com que olhos maravilhados eu contemplava os monumentos desta Roma que «encerra tantos santos, que me envergonhavam do pouco que fazia por Ti!»<sup>31</sup>.

Ao regressar de Roma, percebi claramente que a situação já não tinha remédio, pois onde não há união, não está Deus. Foi duro ouvir as coisas de que me acusavam. Foi duro sentir como as pessoas me iam abandonando, sobretudo aquelas em quem depussei maior confiança. Sentia-me só e mal interpretada. Mas não queria eu seguir o Teu caminho? E o Teu caminho passava pela cruz. Isso ia eu percebendo cada vez com maior claridade nos Exercícios desse ano: Tu foste sempre o meu Senhor. Mas este meu Senhor foi crucificado!

Ao contemplar a Tua cruz, via-Te pobre, sem nada. Eu também me sentia pobre. Tantos planos desfeitos em tão pouco tempo! Tu, abandonado de todos. Até sentiste na cruz o abandono do Pai Eterno. Eu também

<sup>29</sup> Carta à M. Puríssima, 1890, em *Palabras*, 267

<sup>30</sup> *Ap. Esp.*, 10

<sup>31</sup> Carta à M. Preciso Sangue, 1890, em *Cimientos*, 406



estava abandonada. Tu, pregado na cruz com ~~4~~quatro pregos e eu também. Esta luz ia-se apoderando de mim cada vez mais. A situação que estava a viver era a cruz que Tu querias que eu levasse. Olhando para Ti, até tinha vergonha de falar em penas e sofrimentos, quando, na realidade, eram motivos de agradecimento, pois tornavam-me parecida Contigo. E a paz que encontrava em Ti e as graças que me concedias, confirmavam estes sentimentos.

Em Março de 1892, escrevemos, as Assistentes e eu, ao Cardeal Protector do Instituto, sobre o que julgávamos constituir o problema do governo. Quanto me custou ler aquelas informações, que deviam passar por mim antes de ir ao Cardeal! E quanto pedi a Tua luz para escrever a minha! Achava que a solução era renunciar ao cargo definitivamente, mas o Cardeal achou que eu devia delegar temporariamente na minha irmã, dando-lhe plenos poderes para resolver os assuntos económicos que era do que mais me acusavam. Eu devia vir para Roma... E vim.

Custou-me muito a adaptar-me a esta vida inactiva, sem trabalho. Como demoravam as horas a passar! Mas, como sempre, em todas as situações da minha vida, em Ti encontrava a luz que lhes dava sentido. Nos Exercícios Espirituais desse ano, fizeste-me ver que nessa vida oculta, sem brilho aos olhos do mundo, podia dar-Te a mesma glória como «se estivesse ocupada nas obras de maior zelo»<sup>32</sup>. Não tinhas Tu vivido 30 anos oculto em Nazaré? Esta seria a minha missão daí em diante.

O meu único desejo era estar Contigo e percorrer o mesmo caminho que Tu percorreste. E pedia muito a Nossa Senhora que me alcançasse de Jesus esta graça: «Estar debaixo da Tua bandeira em pobreza e humildade»<sup>33</sup>. Eu sabia que uma pessoa não é verdadeiramente hu-

<sup>32</sup> *Ap. Esp.*, 18

<sup>33</sup> EE 147

milde se não passa por muitas humilhações. Para ser como Tu, para me identificar Contigo, devia passar por elas. Tinha a convicção profunda de que tudo quanto me tinha sucedido vinha directamente das Tuas mãos, sem culpa alguma de ninguém. As pessoas e os acontecimentos eram só instrumentos.

Assim, cada vez mais Te pedia que me concedesses a graça de trabalhar para adquirir o 3º grau de humildade, como diz Santo Inácio; para Te imitar e parecer-me mais Contigo, «escolher pobreza Contigo pobre, em vez de riqueza; humilhações Contigo, em vez de honra: desejos de ser tida por louca, como Tu o foste, em vez de ser considerada sábia e prudente»<sup>34</sup>. Já não tinha dúvida de que esta era a Tua vontade sobre mim, e a minha vontade, cada vez mais, ia coincidindo com a Tua. Tal era o meu desejo de Te amar e seguir.

Tudo isto me concedeste, Senhor. Rodeava-me a desconfiança e até pensavam que eu não estava boa da cabeça... Mas o meu desejo de ser como Tu e de atrair quantos mais pudesse ao Teu amor, dava-me força, serenidade, paz e até alegria. Nunca me senti amargurada. «Sejamos pessoas de paz e de festa», escrevi numa carta. E era o meu maior desejo «fazer com que todos passem uma vida feliz»<sup>35</sup>.

Quanto me ajudou ir visitar Loreto, no Norte de Itália, para onde, segundo uma tradição, os anjos levaram a Tua casa de Nazaré! Eu estive ali, como se realmente tivesse sido a Tua casa. Ao lembrar-me desta visita, vem-me à memória o que escrevi nos Exercícios, anos mais tarde: «Alegrar-me e ter como uma grande graça viver oculta»<sup>36</sup>. Vida oculta: nestas palavras estava para mim a fonte dos méritos. As três maiores e

<sup>34</sup> EE 167

<sup>35</sup> Carta à M. Maria de la Paz, 1883, em *Palabras*, 116

<sup>36</sup> *Ap. Esp.*, 27

mais santas pessoas do mundo: Tu, Nossa Senhora e São José, também parecia que passavam inutilmente a vida. Tu, sobretudo, e durante 30 anos, calaste e quase nada fizeste. E eu afligia-me tanto de não fazer nada! «Nem para nada sou necessária, nem tenho dotes que não sejam para estragar tudo»<sup>37</sup>.

Depois de regressar do Loreto, tive muita consolação ao visitar Assis. Que graça tão grande e que maravilha contemplar a natureza da Úmbria. Como gosto de São Francisco! Ele foi realmente pobre e humilde e estava apaixonado por Ti até à loucura. A imagem dele, abraçado ao crucifixo, pisando o mundo, tem-me ajudado muito! Como gostava de Te amar como ele!

Os meses e os anos transcorriam com imensa monotonia. Eu quase não sabia nada do que se estava a passar no Instituto, embora o meu coração vibrasse quando, pelas cartas que recebia ou pelo que se dizia no recreio, me inteirava de que havia novas Fundações em Cádiz, Sevilha, Valladolid e que continuavam a entrar muitas vocações no Instituto. Já éramos perto de 400 e eu não conhecia mais de metade. Mas isso não me importava. Devia contentar-me com o meu cantinho sem me meter absolutamente em nada. Acontecesse o que acontecesse, a tudo calaria.

Às vezes, sonhava com os primeiros tempos de Madrid, quando tudo era alegria e paz entre nós, e estava convencida de que «se todos propusésemos amar-nos uns aos outros e sofrêssemos em silêncio, o mundo seria um paraíso»<sup>38</sup>.

Como iriam as coisas com a minha irmã?, perguntava-Te muitas vezes, e pedia-Te por ela. Não sabia, mas pressentia que não estava bem.

<sup>37</sup> *Ibidem*

<sup>38</sup> *Ap. Esp.*, 25

Quando veio a Roma, para tratar de comprar casa, notei que estava muito diferente comigo. Sofri muito ao ler uma carta sua, já de 1899, em que me dizia que «não gozava de liberdade». Então compreendi que as minhas intuições tinham fundamento. Desde esse momento, Tu sabes que fiz quanto pude por aliviá-la. As minhas grandes preocupações eram ela e o Instituto. Mas eu nada podia fazer.

O sofrimento que a minha irmã estava a viver aproximou-nos muito uma da outra. Pouco a pouco, soube que os problemas no governo da Congregação eram gravíssimos e que a minha irmã estava a viver uma situação semelhante àquela que eu tinha vivido anos atrás. Tanto Te pedi por ela! Numa carta, pedia-me perdão e até dizia que queria reparar o seu mau procedimento assim que houvesse oportunidade para o fazer.

Claro que a perdoava! Já o tinha feito, e a todas; mas não convinha, de modo algum, falar de coisas antigas. Não te tinhas Tu também calado, Senhor?

Quando veio aqui, em Agosto de 1902, eu não sabia em que ponto estavam os problemas, mas o olhar da minha irmã era de grande sofrimento. Via que, depois da bênção do Santíssimo, ficava muito tempo de joelhos ao pé do sacrário e isso dava-me tranquilidade. Ninguém melhor do que Tu para ouvir, dar serenidade e para aconselhar. Eu, pelo pouco que perguntei, percebi que era melhor calar, orar e sofrer em silêncio.

Um dia estava eu na sala do recreio, quando veio ter comigo uma Irmã que me disse que tinham deposto a minha irmã. Fui a correr ao quarto dela e não precisei de perguntar nada. Estava serena e sorria entre as lágrimas. Até foi ela quem me consolou a mim! Quanta força dás, Senhor! «Tu és grandeza e onipotência»<sup>39</sup>.

<sup>39</sup> Carta à M. María de la Paz, 1890, em *Palabras*, 304

Dois dias depois, aconteceu a nomeação oficial da Madre Puríssima, como Vigária do Instituto. No meio da dor, sentia-me serena e com uma grande liberdade interior, que só Tu podes dar. Fui a primeira a prestar-lhe obediência e animava as outras para que fizessem o mesmo.

Agradecia-Te tudo quanto fazias pela minha irmã, pois via que estava tranquila. Ela aceitava os acontecimentos como vindos da Tua mão. Soube descobrir que por detrás de tudo estás Tu. Tu dás sempre mais do que nos atrevemos a pedir ou esperar. No dia 17 de Junho de 1903, demos o último abraço. Nunca mais nos voltámos a ver.

Nos anos que ela viveu em Valladolid, deste-nos a graça de sermos mais irmãs do que nunca. Guardo com carinho as suas cartas, embora desconfie que algumas não chegaram até mim. Numa delas dizia-me: «Vivo muito satisfeita, mais ainda do que quando vivíamos em nossa casa. E tenho consolações ao pensar que o meu dever é aplicar-me a ser uma verdadeira Escrava e assim receber, venham de quem vierem, os tratos mais rudes. Tenho fé em Deus. Nosso Senhor há-de ajudar-me».

Ambas sofríamos pela Congregação, mas não nos tinhas Tu escolhido como alicerces do Instituto? Já se tinham referido a nós como alicerces, no princípio. Agora era a hora de ficarem pisados e enterrados para dar mais solidez à obra.

Ela morreu em 1916. Com quanta serenidade recebi a notícia! Sabia que já estaria para sempre Contigo no céu. Quanto deve o Instituto aos trabalhos e generosidade da minha irmã! E quão poucos sabem que fomos nós as Fundadoras. A sua história, como a minha, está escrita só na Tua mente, Senhor.

O estilo que vai tomando o novo governo, nas mãos da Madre Puríssima, entristece-me. Há dias estive em Monte Mário e vi a nova casa que estão a construir. Causou-me uma impressão desagradável a magnitude do

edifício; está a perder-se a simplicidade que antes nos caracterizava. Mas continuo a ter liberdade para dizer à Madre Puríssima as coisas com as quais não concordo. Ao mesmo tempo, alegra-me saber que já há casas fora de Espanha e de Itália. Estamos na Argentina e em Londres. Cada vez mais me convenço de que «a Eucaristia é a vida do Instituto como a raiz o é da árvore». Se não, como pode crescer tanto? Às vezes, penso que a minha vida e a vida da minha irmã são semelhantes à do grão de trigo, «que deve morrer para dar fruto». Terá sido assim, Senhor?

Eu continuo aqui, tendo presente em todas as minhas acções – como Tu me fizeste perceber um dia – «que estou neste mundo como num grande templo. E como sacerdote dele, devo oferecer contínuo sacrifício naquilo em que as criaturas me contrariam, sejam elas quais forem, e contínuo louvor nas que me satisfaçam. E, sempre, tudo para Tua maior glória, que é o fim para que nos puseste neste mundo».

Quando irei contemplar o Teu rosto? Penso que já falta pouco. Estador no joelho... Quando Tu quiseres, Senhor.

Que rápido passa o tempo quando estou Contigo! Já oiço os passos da Irmã Luísa que vem buscar-me. Vou e fico, Senhor. De tanto olhar para Ti, penso que aprendi a adorar-Te sempre em todas as coisas. Peço-Te pelo Instituto. Guarda-o no Teu coração. Guarda todas e a cada uma das Irmãs, as de agora e as que um dia hão-de vir. Faz com que todas sejamos «humildes, humildes, humildes porque só assim atrairemos as graças do Teu amor».

*No dia 6 de Janeiro de 1925, morreu Rafaela Maria, a Madre Sagrado Coração. Morreu no dia em que a Igreja celebra a Epifania, a festa da manifestação do Senhor. Rafaela Maria soube, como os Magos, descobrir a estrela e pôr-se a caminho para encontrar Jesus. E, como os Magos, ofereceu o melhor que tinha: a sua própria vida, em serviço e adoração humilde.*



